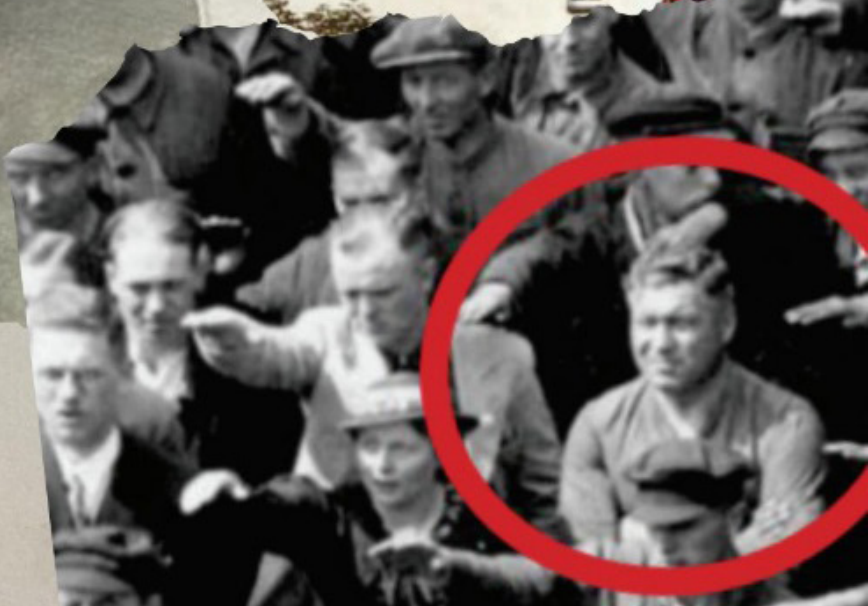


BOLETIM INFORMATIVO  
Maio/Junho 1993



# BOLETIM INFORMATIVO

2025/2



Diretoria Biênio 2025 / 2027

Marcelo Leães  
**Presidente**

Aline Almeida  
**Secretária**

Rodrigo Boettcher  
**Tesouraria**

Juliana Côrte Vitória  
**Departamento de Escola de Psicanálise**

Marina Camargo  
**Departamento de Clínica Psicanalítica**

Vanessa López  
**Departamento Científico e de Eventos**

Presidente do Conselho Diretor

Christiane Paixão

Editora

Laura Sartori Feldmann

Laura Sartori Feldmann  
**Departamento de Biblioteca e Publicações**

Ivete Maria Caon Biondo  
**Departamento de Administração e Informática**

Alia Silva Ahmad  
**Departamento de Grupos de Estudo e Relações com a Comunidade**

Nicole Venturin Padilha  
**Departamento do CEP Serra**

Comissão do Departamento de Biblioteca e Publicações

Anna Carolina Capra  
Brenda dos Santos Clezar  
Bruno Reis Conti  
Camila de Lucena Iotti  
Elisa Cainelli Andreola

Juliano Lacerda Marques  
Laura Sartori Feldmann  
Maurício Moroso Knevez  
Paula Chiapinotto Triches  
Raíssa Ramos da Rosa

# Editorial

**LAURA SARTORI FELDMANN**

O compromisso com a transmissão da psicanálise constitui um dos eixos fundamentais de nossa instituição. Transmitir, nesse campo, não se reduz à tarefa de ensinar um conjunto de conceitos, mas implica sustentar uma experiência – ética, clínica e teórica – que se renova a cada encontro, a cada escuta e a cada leitura. A transmissão se faz, portanto, como ato, e não como simples reprodução, sendo uma abertura à diferença, sem ortodoxia, mas com consistência.

Trata-se, portanto, de um processo que envolve tanto a dimensão institucional quanto a dimensão subjetiva, articulando heranças e reformulações contemporâneas numa constante construção de identidade, seja da psicanálise ou do psicanalista em formação. Temos o privilégio de contar com o *Boletim* como espaço de ensaio e registro dessa reflexão contínua.

Assim, historicizando o CEP, estamos também historicizando a própria psicanálise. A trajetória de nossa instituição se entrelaça à história da psicanálise e às formas pelas quais ela se inscreveu em nosso contexto cultural, social e político. Revisitar essa história é reconhecer que o presente se apoia em uma tradição viva, feita de debates, impasses e deslocamentos que continuam a nos interpelar.

Entre a análise, a clínica, a supervisão e a teoria, entre o íntimo e o coletivo, o percurso formativo se faz como exercício de escuta/leitura da própria história. A formação do psicanalista se constitui também pela travessia de um saber que se inscreve e escreve na prática. Transmitir a psicanálise não é repeti-la; é fazê-la viver novamente.

Sustentar, então, o compromisso com a transmissão, construir e reconstruir a identidade analítica e reconhecer nossa história como parte da história da psicanálise são ações que compõem, em conjunto, a essência desse documento. Fica o convite a manter aberta a via do pensamento, da escuta, do desejo e da formação – para que a psicanálise permaneça viva, rigorosa e em permanente interlocução com o seu tempo.



## Palavras do Presidente

**MARCELO LEÃES**

Em primeiro lugar, quero dizer que é uma honra ocupar estas páginas do nosso boletim informativo enquanto presidente. Escrever depois de um tempo – cerca de seis meses, no dia em que escrevo este texto – traz uma sensação diferente. Têm sido muitos os desafios e, na mesma medida, os esforços e investimentos que temos empreendido para tornar o CEP cada vez mais potente no estudo, na pesquisa e na transmissão da psicanálise.

Tivemos realizações importantes, como o Marcas da Formação, evento de muita qualidade teórica e clínica, que trouxe à tona inquietações dos que estão a percorrer as profundezas, a densidade e a intensidade desses primeiros quatro anos de seminários teóricos, nos quais o estudo da literatura psicanalítica se agudiza.

Com resultado recorde de inscrições, também realizamos a nossa Jornada Científica em Caxias do Sul. Nesse caso, tivemos de substituir o local do evento em virtude da intensa procura, certamente estimulada pelo tema da transferência.

Na Clínica, incentivados pelas reuniões de Conselho Diretor, que reconheceu a importância de aperfeiçoarmos nosso Regimento Interno, seguimos inquietos com a pergunta formulada por Jorge Broide em 2022: qual é a vocação da clínica do CEP?

Já na Escola, estamos animados – no sentido de cheios de alma e anseios – por um profícuo trabalho na revisão do modelo de formação do CEP, que me parece um dos pontos nodais para avançarmos. Em nossa última reunião de Conselho, seguida pela discussão da

Terça-Feira Científica, problematizamos a atual estrutura, e estamos empenhados para, de forma conjunta, coletiva, construir um modelo de formação situada e advertida das sombras e potencialidades do nosso tempo – na clínica e na cultura.

Tivemos também os Ciclos de Estudos, marca importante da relação com um público de não membros. As inscrições superaram as dos anos anteriores, o que demonstra a consistência de um trabalho feito em equipe e entre gestões, que se fortalece como no caso do Conversas no Museu, realizado recentemente junto com a Associação dos Amigos do Museu de Arte do Rio Grande do Sul (Margs). O evento está em sua terceira edição e carrega a promessa de novas edições pela frente.

Brindamos a iniciativa dos colegas que estão a revisar e a construir um estatuto aprimorado, aprofundando e fortalecendo aquilo que faz sentido e propondo modificações que serão amplamente debatidas no âmbito do Conselho. Espera-se que isso ocorra em um clima de debate e cooperação, com vistas à difusão e à transmissão de uma psicanálise viva, plural e criativa.

O grupo de trabalho Ananse atua no desenvolvimento das ações afirmativas, e penso que as políticas de permanência passam invariavelmente pelo trabalho da branquitude no CEP.

Além disso, destaco os delegados da Federação Latino-Americana de Associações de Psicoterapia Psicanalítica e Psicanálise (Flappsip), que engendram os laços com a psicanálise latino-americana, e os delegados do Movimento Articulação, que fortalecem a luta por uma psicanálise não regulamentada.

Trago todos esses pontos para destacar que o CEPdePA/Serra é uma instituição complexa. Buscamos cultivar uma relação perene e sensível tanto com as instituições vizinhas quanto com aquela que é a instituição por excelência: a cidade em seu caráter público – a rua ou, de forma mais precisa, a pólis.

Por último, acho importante deixar aqui algumas palavras sobre o eixo da comunidade psicanalítica. Sou tocado pelo questionamento: o que eu quero com o CEP? O que o CEP quer de mim? Formulo essa pergunta porque é desafiador e empolgante trabalhar com colegas que se dispuseram a arregasar as mangas e

se dedicar a um projeto coletivo de mais de 40 anos de existência.

Nesse sentido, entendo que estamos operando aquilo que nos propusemos a operar: o fomento à transferência de trabalho. Buscamos a reunião dos membros em torno do desenvolvimento, do fortalecimento, da ampliação e da construção de uma psicanálise singular e inserida entre pares das mais diversas instâncias – da própria psicanálise e da cultura de modo amplo.

Temos tempo pela frente. Temos ânimo e curiosidade pelo que vamos conseguir construir.

## Palavras do Conselho Diretor

### CHRISTIANE PAIXÃO

Colegas, o Conselho Diretor se reúne na segunda terça-feira de cada mês para tratar de temas referentes aos rumos da instituição. Além disso, ele acompanha e respalda as ações da Diretoria.

Estamos habitando a nova sede desde setembro de 2024, depois de muita luta para conseguirmos finalizar a construção da casa em Porto Alegre. Enquanto discutíamos a viabilidade da obra, havia dúvidas, por parte de alguns colegas, sobre a capacidade financeira do CEP para suportar o pagamento dos empréstimos somados às despesas ordinárias da instituição. Pois bem, à medida que o tempo passa, a dúvida vai sendo dissipada, pois temos honrado as prestações do financiamento junto à Unicred e mantido as contas equilibradas.

Sabemos que isso tomou muito tempo e energia de todos, e que retirou parte da nossa atenção de algo fundamental, a formação analítica que oferecemos. Penso que agora estamos com mais disponibilidade para nos ocupar com a construção simbólica fundamental que é a formação analítica oferecida pelo CEP. Isso passa por revisar a avaliação dos trabalhos exigidos ao longo dos quatro anos, revi-

sar o currículo oferecido, repensar o modelo de formação do CEP e debater a transmissão da psicanálise dentro da instituição. Tais tarefas vêm sendo propostas por esta Diretoria e por outras que a antecederam, mas precisam de uma ampla discussão. Acredito que a revisão do Estatuto que está em curso propiciará o aprofundamento dessa discussão em busca de uma nova definição.

O ponto nevralgico acerca da formação tem sido o debate sobre a análise pessoal, parte mais importante do tripé. Qual é o lugar da análise na formação do CEP? O fato de o CEP não exigir análise para ingressar na formação indica uma ambivalência a respeito da sua importância? Ou, exatamente por ser imprescindível na construção de um analista, a análise não pode ser imposta?

Há alguma dúvida quanto à exigência de se analisar como um pressuposto ético para ocupar o lugar de analista? Como o CEP vai responder a essa questão? Obrigando o colega que ingressa na instituição a se analisar? Obrigar alguém a se analisar é o mesmo que exigir análise? Essas e outras questões farão parte do debate.

Seguimos!

# COMUNICAÇÕES DA DIRETORIA

## Secretaria

**ALINE ALMEIDA**

Caros colegas, ao encerrarmos mais um ano de trabalho, voltamos o olhar para o caminho percorrido e, com satisfação, percebemos a riqueza do que foi construído. Desde o início desse ciclo, falamos sobre continuidade, confiança e laços – e é justamente essa tessitura coletiva que fez deste ano um tempo de crescimento e vitalidade para o CEP. Foram meses de intenso trabalho, dedicação e presença de tantos: colegas em seminários, departamentos, coordenações, grupos de estudos, comissões, associados, colaboradores e toda a membresia que compõe a nossa instituição. Cada participação contribuiu para ampliar o espaço do CEP e fortalecer o que nos sustenta: a psicanálise, o pensamento em movimento e o desejo compartilhado de seguirmos crescendo juntos.

Chegamos ao fim deste ano com a sensação de um percurso fecundo e inspirador, e a certeza de que há ainda muito por fazer. Nossa comemoração este ano acontece no dia 4 de dezembro, na Associação Leopoldina Juvenil, em Porto Alegre, reunindo muitos colegas tanto da capital quanto da Serra. Que possamos celebrar não somente os frutos do nosso trabalho, mas sobretudo os encontros, os diálogos e as parcerias que nos expandem e nos impulsionam a seguir adiante.

Que a festa de fim de ano seja um momento de comemoração, uma oportunidade para brindarmos o vivido e o vívido, para renovarmos, juntos, o desejo que nos move e nos sustenta como instituição.

Boas festas a todos!  
Um abraço.

---

## Departamento de Administração e Informática

**IVETE MARIA CAON BIONDO**

No dia 3 de setembro, completamos um ano na nossa casa. Nem sempre as coisas são como esperamos: desocupar uma casa residencial adaptada e rumar para uma casa projetada para nossa instituição requer se abrir para o novo. A nova casa foi pensada para atender da melhor maneira possível as demandas de funcionalidade da nossa instituição. Nessa perspectiva, continuamos organizando e reorganizando os espaços – e, aos poucos, mobilando-os.

Recentemente, acompanhamos o tesoureiro na implantação de um novo sistema de gestão, que está propiciando maior agilidade na emissão dos boletos. Para tanto, reorganizamos o sistema de informática, que passou a ter um servidor para gerenciar recursos e fornecer serviços a computadores numa rede. Ele é responsável por processar solicitações, armazenar e fornecer dados, além de executar aplicações, sendo a base para os serviços *on-line*.

Por fim, na sede da Serra, contamos com a atenção e o cuidado da colega Sandra Galiotto, que colaborou muito na organização da jornada.

# Departamento de Escola de Psicanálise

## Algumas notas sobre transmissão em psicanálise e um comentário sobre a dinâmica de clareiras

**JULIANA CÔRTE VITÓRIA**

“A saúde mental muito depende de o superego ser normalmente desenvolvido – isto é, de haver-se tornado suficientemente impessoal. E é isso precisamente o que não ocorre nos neuróticos cujo complexo de Édipo não passou pelo processo correto de transformação. O superego deles ainda se confronta com seu ego como um pai rigoroso se defronta com um filho: e sua moralidade atua de maneira primitiva devido ao ego ser punido pelo superego” (FREUD, 1926).

Queridos colegas, a citação que abre este escrito põe à luz um fenômeno que com frequência podemos observar: não é raro que o desejo de liberdade seja mais temido do que a submissão; e que haja quem encontre satisfação na proibição sempre que isso o desimplique da responsabilidade que implica bancar as próprias escolhas.

Frente à acusação de charlatanismo feita a Theodor Reik, Freud se põe a escrever em defesa da análise feita por não médicos, os então chamados leigos. Assim, escreve, em 1926, “A questão da análise leiga”. A argumentação de Freud nesse trabalho vai no sentido de defender, sobretudo, a liberdade. E ele defende a liberdade não por uma posição puramente ideológica: ele a defende como uma posição psicanalítica. É incrível como, nesse trabalho, Freud articula com a mesma argumentação as relações entre a laicidade e a psicanálise, entre a lei e o cidadão, entre as instâncias psíquicas e também entre analisando e analista, através da transferência. Diz ele que, na Itália, as torres de cabos de alta tensão trazem a inscrição sucinta e impressionante: *Chi tocca, muore*, isto é, “Quem toca, morre”. Afirmo ainda que, na Alemanha, os avisos correspondentes exibem uma verbosidade desnecessária e ofensiva:

“Tocar as linhas de transmissão é, por ser perigoso à vida, rigorosamente proibido”. Ao que ele acrescenta: “qualquer um que tenha amor à vida fará a proibição a si mesmo; e qualquer um que deseje matar-se dessa maneira não pedirá permissão”.

O CEP vem trabalhando para sustentar uma instituição de formação psicanalítica na qual, atendidas as exigências estatutárias e regimentais, todos possam ocupar os lugares de transmissão e também de diretoria, encontrando na democracia e na força do trabalho os meios que nos possibilitam enfrentar as adversidades e as transformações que delas emergem. Isso exige que todos atravessemos momentos em que a transitoriedade, a passagem do tempo e a queda de ideais nos encaram de frente. Também é preciso enfrentar os lutos relativos a todas essas experiências. Transitar entre lugares sem se apoderar deles: eis uma de nossas questões fundamentais.

A escola segue apostando na potência da fala e de tudo o que ela implica, afeta e produz, expandindo o modelo de seminário para toda a comunidade cepiana através da atividade Formação Terminável e Interminável. Nesses seminários continuados, que acontecem presencialmente tanto em Caxias do Sul quanto em Porto Alegre, estão sendo semeadas importantes ideias e sendo gerados ricos debates sobre temas fundamentais para a formação de cada um de nós – analistas em formação que nos colocamos a pensar e construir este lugar na solidão e também na relação com nossos pares – e para a instituição.

O tema da transmissão nos é muito valioso. Foram trabalhados os seguintes temas em cada um desses seminários: “O trabalho de fazer uma formação psicanalítica: desafios e complexidades”; “O modelo de formação no CEP: origens e destinos da transmissão em psicanálise”; “A presença de autores negros e indígenas no programa de seminários do CEP: da

recomendação à inscrição”. Estiveram ao meu lado coordenando esses debates com falas iniciais os colegas Nicole Venturin Padilha, Ana Paula Terra Machado, Ana Lucia Waltrick dos Santos, Maria Liane Porn Dutra, Rosita Esteves, Camila Terra da Rosa, Leonardo Francischelli, Augusto Paim, Sueli Souza dos Santos, Bárbara Parobé da Rocha e Júlio César Kunz.

Seguimos trabalhando, apostando na transmissão dessa praga que há mais de um século liberta sujeitos dos labirintos de seu inconsciente e das opressões da cultura. Na contramão de receitas de *coaches*, influenciadores, gurus e tantos outros que na contemporaneidade ocupam a posição de dessubjetivar alguém, dizendo-lhe como ser e o que fazer para conquistar uma vida produtiva, rica e, assim, supostamente feliz, seguimos apostando na ética da psicanálise, na cura pela conversa, no valor do reconhecimento respeitoso à riqueza das diferenças e na força da humildade que assume, afinal, que precisamos uns dos outros.

Por fim, um comentário sobre a dinâmica de clareiras: essa dinâmica descreve o processo de renovação natural que ocorre em uma floresta quando a queda de uma árvore causa uma perturbação no equilíbrio anterior, seja por morte natural, raios ou ação humana. O espaço aberto por essa queda cria uma clareira, permitindo a entrada de luz e a circulação de ar. Essa entrada de luz e oxigênio abundantes favorece a germinação de sementes e o crescimento de espécies, que sem essa perturbação ao equilíbrio anterior não aconteceriam.

As clareiras são essenciais para a dinâmica da floresta, pois criam heterogeneidade e promovem biodiversidade ao permitir o desenvolvimento de diferentes estágios de crescimento. Que possamos manter vivo o espírito da abertura de clareiras, do encontro com o diferente em nós mesmos, nos outros e no mundo, tanto em nossas mentes, quanto em nossos espaços e relações institucionais.

Um abraço a todos!

## Departamento de Clínica Psicanalítica

**ALICE MOMBACH, BRUNO GREFF, CAROLINE SALGADO, MARIANA TODESCHINI, MARINA CAMARGO E MANUELE ARAUDI**

Caros colegas, nossa comissão iniciou a revisão do Regimento da Clínica, com o intuito de esclarecer alguns pontos e fortalecer tanto o funcionamento quanto, principalmente, a prática de nossa instituição. Acreditamos que debater as questões que suscitam dúvidas e promover um entendimento mais aprofundado é fundamental nesse processo de atualização.

Com esse propósito, e buscando ampliar o diálogo entre colegas, inauguramos o espaço Escutas da Clínica, cuja primeira edição ocorreu na casa de Porto Alegre, tendo como tema os atendimentos *on-line*. As trocas realizadas nessa ocasião ressaltaram a importância da presença em tempos de aceleração, reafirmando nossa convicção de que a psicanálise pode ser um ponto de reflexão e resistência frente às demandas que emergem de uma lógica de

consumo, marca do neoliberalismo, que tudo tenta capturar.

Sabemos que a escuta psicanalítica se dá onde a transferência se estabelece (e vice-versa), o que nos leva a pensar constantemente nas possibilidades do trabalho e nas condições do nosso tempo. Ainda assim, enquanto uma clínica vinculada a uma instituição de psicanálise, consideramos que a experiência da escuta presencial permanece fundamental.

Em Caxias, a segunda edição do Escutas da Clínica abriu espaço para o diálogo sobre as especificidades da clínica ceiana local. Foram discutidas questões como a ampliação dos atendimentos na área da infância e da adolescência – diante da crescente demanda regional – e a necessidade de estreitar a relação entre o Departamento de Clínica e os supervisores.

Temos em nosso horizonte o compromisso de, em breve, debater outros temas pertinentes à nossa prática. Para os próximos meses, estamos organizando Exercícios Clínicos, espaços

sempre fecundos para a diversidade de pensamentos, marca essencial da nossa instituição.

A procura pela nossa clínica tem crescido. Temos intensificado o contato com escolas e comunidades da região, além de ampliar nossa presença nas redes, buscando maior alcance e difusão da psicanálise.

Seguimos, assim, empenhados em fortalecer este espaço tão pulsante: uma clínica comprometida com nossa interminável formação e com a ampliação do diálogo e do acesso à psicanálise junto à comunidade.

Um abraço!

## Departamento Científico e de Eventos

### **VANESSA BECKENKAMP LÓPEZ**

Temos uma tarefa delicada, séria, que requer planejamento e ação rápidos, mas, ao mesmo tempo, cuidado e observação. Alicerçado nos princípios da gestão atual, que valoriza a pluralidade e a psicanálise em profundidade, este ano se fez recheado de diferentes eventos, convergentes na investigação do fenômeno transferencial.

Em um breve resgate, Cristiane Paixão e Beatriz Behs trouxeram reflexões instigantes a partir de uma revisão conceitual e histórica do fenômeno transferencial, relacionado com o movimento vívido e contínuo das formações. José Damico e Juliana Lang Lima nos apresentaram com importantes observações sobre a psicanálise na contemporaneidade, implicando a figura viva e socialmente localizada do analista. Jorge Broide e Marcelo Leães apresentaram riquíssimas análises e intervenções sobre a psicanálise em contextos extramuros, como em praças, bairros ou ambulatorios. Na jornada interna Marcas da Formação, organizada e apresentada pelos membros provisórios, chamou a atenção a qualidade das apresentações estimuladas pelo título: “Transferências no divã e para além do divã”. Luciane Meng e Paulo Ferraz realizaram em sintonia uma interlocução entre o nosso poderoso instrumento da psicanálise e a arte, tomada como uma via de acesso à comunicação. Nessa linha, Júlio Conte, Cesar Antunes e Paula Daudt Sarmiento Leite, junto aos nove atores que interpretaram monólogos de cunho existencial, nos surpreenderam no CEP em Cena, trazendo um olhar sensível ao experienciado e gerando potentes transformações.

Nas Terças Científicas, Camila Iotti e Laura Kayser generosamente apresentaram seus trabalhos agraciados com os Prêmios Doro e Tutti, respectivamente: “O cataclisma de Léo: das erupções pulsionais até as transformações na adolescência”, com comentários de Paula Daudt Sarmiento Leite, e “As massas têm sede de submissão? Uma análise sobre metapsicologia psicanalítica e necropolítica”, com comentários de Ignácio Paim. Na sequência, as Terças Científicas contemplaram o Serviço Psicanalítico das Psicoses, com Luciana Nunes e Benjamin Pacce discorrendo sobre “Raça e loucura; história e psicanálise”. Já Camila Terra e Ignácio Paim trouxeram pertinentes reflexões sobre racialização, letramento e mudança psíquica, representando o nosso Ananse.

O Siacep apresentou Françoise Dolto a partir da leitura de Isildinha Nogueira, reconhecendo o corpo como inscrição de história, desejo e cor. Na sequência, Nicole Padilha apresentou instigante análise sobre o conceito de violência secundária e transferência alienante, desenvolvido por Piera Aulagnier, com comentários de Vanessa Beckenkamp Lopez. Por fim, ainda em dezembro de 2025, a Terça Científica finda o ano com a apresentação das produções dos pesquisadores do CEP vinculados à Flappsip, Marcelo Leães e Sueli Santos, nomeados pelos delegados da Federação Ivandra Loro e Bruno Greff.

Em outubro, nossa VIII Jornada Científica na Serra contou com mais de 190 inscrições, versando sobre um conceito fundamental à psicanálise: transferências na clínica e na arte. Os temas livres somaram 16 produções independentes, embora unidas e em sintonia com o pensar analítico. As mesas abordaram a mente

do analista, os fundamentos das formações, a racialidade e o gênero, as implicações da inteligência artificial e a transferência, além de – não menos importante – o entrelaçamento entre arte e psicanálise. Marcaram presença renomados convidados, entre os quais cito: Luis Claudio Figueiredo, Celso Gutfreind, Taiasmin Ohnmacht, Júlio Conte, Paula Daudt Sarmento Leite, Nicole Padilha, Germano Pedroso, Willian Moraes, Denise Oyazarbal e Clariana Claro. Foram momentos férteis, profundos e leves.

Lembro de uma passagem de Bion em que ele considera que, no encontro com seu paciente, o analista deve ouvir, além das palavras, a música. Ela nos remete ao sensorial, ao encontro das mentes, a uma dança que movimenta e promove o sonhar, seja este em vigília ou onírico. Para tanto, o contato com diferentes formas de arte e suas expressões pode nos instrumentalizar para a expansão da mente, para navegarmos no indizível.

Nesse sentido, nos reunimos para manter férteis os encontros e as ideias – para investir e investigar sobre como a psicanálise se posiciona no cenário mundial, como cuidar da mente e da formação. Alimentar-se da arte, como estímulo que toca e comunica, favorecendo o transformar, e abrir-se cada vez mais às mudanças psíquicas em prol do letramento racial, atentos às especificidades da contemporaneidade, são movimentos que buscamos e que ampliam nosso pensar.

Agradeço o envolvimento da nossa diretora da Serra, Nicole Padilha, e dos colegas do Departamento Científico – Isadora do Nascimento, Tatiane Godoi, Bianca Beloqui, Juciane Feijó, Simone Fuentes, Gabriella Maurente, Paulo Ferraz, Cristina Chazan, Carolina Pereira e Carolina Dal Piaz.

Seguem as ideias, os desejos e os investimentos. Que venha 2026!

## Departamento de Grupos de Estudo e Relações com a Comunidade

**ALIA S. AHMAD**

Prezados colegas, o Departamento de Grupos de Estudo e Relações com a Comunidade, composto pelos colegas Abner Nodari, Barbara M. Bosak, Bianca M. dos Santos, Cássia F. Alves, Mariana O. de Azevedo e Thais Santos, realizou o Ciclo de Estudos de Inverno 2025 entre os dias 14 e 23 de julho. Os seis encontros versaram sobre o tema “Repetição: o que insiste em Freud, Lacan, Bion, Ferenczi, Winnicott, Klein”. Agradecemos a participação dos colegas cebianos que generosamente compartilharam seus conhecimentos de forma rica e profunda a respeito do tema: Lisia Leite, Sander Machado, Ivandra V. Loro, Clarice Tesch (com mediação de Mônica Leal), Lea Lubianca Thormann e Valéria Quadros.

Tendo em vista a divulgação da Jornada Científica – que neste ano ocorreu no CEP Serra, em Caxias do Sul, no dia 10 de setembro –,

e a partir de uma aproximação feita pelo nosso colega Abner Nodari, Bianca (Serra) e eu nos reunimos, de forma on-line, com Fabiane Lorenzi, integrante da Liga de Estudantes e professora da Universidade de Caxias do Sul (UCS). A ideia inicial era realizar uma pré-jornada, intitulada “CEP Conexão/Serra”, mas não havia data disponível. Ainda assim, conseguimos um espaço privilegiado no mural da universidade para o cartaz do nosso evento, o que também abriu a possibilidade de seguirmos trabalhando em parceria na região da Serra.

O Departamento realizou ainda, no dia 13 de setembro, na Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul, um evento conjunto entre a Associação dos Amigos do Museu de Arte do Rio Grande do Sul (AAMARGS) e o CEPdePA/Serra. Essa foi a terceira edição do Conversas no Museu, cujo tema foi “Inundação e pulsão de vida: o caso MARGS”. Tivemos uma verdadeira aula de história, restauro, conservação de arte e psicanálise. Os convidados nos brindaram

com um percurso que se iniciou nas primeiras instalações do museu, com todos os seus percalços, em especial os desafios enfrentados durante e após a enchente de 2024, que afetou profundamente o MARGS. Foram três falas potentes sobre a humanidade e suas interferências na natureza. Agradecemos aos convidados Arnoldo Doberstein, que trouxe detalhes das ações da AAMARGS antes e depois da enchente de 2024; Isis Fofano Gama, que abordou as ações de estabilização, restauro e conservação das obras do acervo do museu; e Ignácio Paim Filho, nosso colega, que teve uma participação importante a partir de seu olhar psicanalítico.

No que tange ao Hospital Moinhos de Vento (HMV), seguimos trabalhando a fim de construir uma parceria efetiva no novo território do CEPdePA. Neste momento, nossa entrada está se dando por meio de uma atividade intitulada por eles como "Semana do Cuidado e Bem-estar", no formato de palestra, que inicialmente seria on-line, mas acontecerá presencialmente. O tema foi definido em reunião conjunta com um representante do hospital, o que demons-

tra uma integração e um avanço gradual na construção de nossa relação com a instituição. E, no dia 26 de setembro, nossa colega Christiane Paixão realizou sua fala com o tema "Conversando sobre a angústia que nos habita". Apostamos na importância desse espaço para futuras demandas, não só para nosso departamento, mas também para a clínica.

Já os grupos de estudos seguem pujantes, com procuras expressivas. Atualmente, temos 32 grupos de estudos abertos em Porto Alegre e sete em Caxias do Sul, divididos em 59 profissionais, 25 estudantes, 72 cepianos e 27 ações afirmativas.

No mês de outubro, tivemos, no dia 14, o CEP Conexão na PUCRS, evento conjunto com a Liga do Pensamento Psicanalítico de Porto Alegre (LIPP). O tema foi "Desmentido: a perversão na cultura", e o evento contou com a participação de nossa colega Ana Lúcia Waltrick dos Santos.

Temos, aos poucos, buscado circular por outros territórios levando a "peste".

Boas festas e um Feliz Ano Novo a todos.





## Departamento CEP Serra

**NICOLE VENTURIN PADILHA**

O Departamento CEP Serra vive um momento pulsante e cheio de movimento! Destaca-se, neste ano, a VIII Jornada Científica do CEP Serra, que, em torno do tema “Transferências na clínica e na arte”, reuniu importantes nomes da cena psicanalítica. A adesão surpreendente nos levou a trocar o local inicialmente previsto pelo Tri Hotel Executive, garantindo mais conforto e estrutura para acolher o grande público presente. Mais do que um evento, a Jornada reafirma o compromisso do CEP Serra com a difusão viva da psicanálise.

Além disso, temos valorizado e priorizado os encontros presenciais como forma de aproximar ainda mais a Serra e Porto Alegre. A presença da Diretoria do CEPdePA/Serra em nossa sede fortaleceu os laços institucionais e marcou um momento importante de integração entre os departamentos.

Um destaque especial foi a grande participação de colegas da Serra na VI Marcas da Formação – Jornada dos Membros Provisórios, apresentando trabalhos consistentes, sensíveis e profundamente implicados, que contribuíram para o enriquecimento das discussões e evidenciaram a força e a vitalidade da produção local.

Além disso, seguimos com uma programação intensa e consistente: os Seminários Continuados da Formação Terminável e Interminável, vinculados ao Departamento da Escola, têm oferecido um espaço fecundo de reflexão; e o projeto Conversas da Clínica, vinculado ao Departamento da Clínica, promoveu um encontro potente para discutir e pensar a nossa clínica.

O CEP Serra segue firme em sua trajetória, consolidando-se como um espaço de formação, transmissão e trocas vivas, pulsando com o desejo de fazer da psicanálise uma presença ativa na Serra Gaúcha.



## Siacep

**ANA LETÍCIA ARMBRUST, ALICE MONBAC, CAROLINA CARRION, CAMILA IOTTI, CAMILA MENOCIN, CAMILA TERRA, CLÁUDIO CARVALHO, CINTIA BRZEZINSKI, LAURA KAYSER, LUCAS PERUSSO, MANUELE ARAULDI E SUELLEN SILVA**

O Serviço da Infância e da Adolescência (Siacep) tem se consolidado como espaço de construção de um fazer psicanalítico por meio da integração entre estudos, atendimentos clínicos, supervisões, transmissões e trocas de experiências. Ao longo do último semestre, foram promovidas diversas atividades com o intuito de aprofundar os debates teóricos e práticos sobre a subjetividade de crianças e adolescentes.

Um dos destaques foi o evento “Adolescência on-line: desamparo off-line”, no qual se debateu a relação entre adolescência e redes sociais na contemporaneidade. Promovido pelo Siacep em conjunto com o Departamento de Clínica Psicanalítica, o evento ocorreu na sede de Caxias e contou com as participações das colegas Cíntia Brzezinski, Laura Kayser e Dionéia Zampieri, além dos convidados Bruno Silveira Rigon e Rafael Iotti. Estiveram presentes aproximadamente 130 inscritos, e a discussão mostrou-se enriquecedora, com contribuições valiosas das áreas do Direito e da Educação, que estabeleceram um diálogo fértil com a psicanálise.

Compreendemos que revisitar textos clássicos é um movimento essencial. Por isso, enquanto serviço voltado à escuta de crianças e adolescentes, acolhemos uma demanda institucional que nos convocou a retornar aos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, de Freud, por meio da realização de um ciclo de estudos. A emblemática obra foi abordada em três encontros, cada um dedicado a um dos ensaios: o primeiro ministrado por Ignácio Paim, o segundo, por Luís Roncato, e o terceiro, por Camila Terra. Entendemos que a sexualidade infantil, especialmente em um contexto marcado pela adultização da infância e

pela infantilização da vida adulta, continua sendo um tema urgente. Ao longo dos encontros, foi possível retomar os fundamentos freudianos, sem abrir mão de questioná-los, atualizá-los e torcê-los à luz das questões contemporâneas.

Seguindo o mesmo horizonte, o Serviço reconheceu a necessidade de se aprofundar nas teorias da infância. Conforme aponta Françoise Dolto (1984), uma mãe castrada é aquela capaz de sentir prazer no desmame de seu bebê ao vê-lo estabelecer interações com os outros e ao desejar conversar com ele, substituindo gradativamente a relação corpo a corpo pela introdução da linguagem. Portanto, realizamos sistematicamente seminários teóricos da obra de Dolto, cujos escritos sensíveis e cuja compreensão sobre a constituição subjetiva seguem extremamente atuais. Sua abordagem, que articula linguagem, corpo e desejo, tem oferecido ferramentas potentes para pensar o sofrimento psíquico de crianças e adolescentes. Neste semestre, nos debruçamos sobre a obra *A imagem inconsciente do corpo*, na qual a autora amplia a discussão sobre a castração, abordando suas diferentes fases – umbilical, oral e anal.

Como fio condutor que atravessa as discussões do grupo, seguem presentes as reflexões sobre a parentalidade, sobre as especificidades das intervenções técnicas com crianças e adolescentes e sobre o lugar singular ocupado pelo analista infantil. Esses aspectos não apenas sustentam o trabalho clínico, como também provocam questionamentos constantes acerca dos modos de escuta e manejo e do lugar transferencial no atendimento infantil. Reconhecer essa complexidade tem sido um exercício contínuo e potente de elaboração teórica e prática, que dá sentido e consistência ao trabalho desenvolvido pelo grupo.

### Referência

DOLTO, F. **A imagem inconsciente do corpo**. São Paulo: Perspectiva, 1984.



## grupos de trabalho

# Movimento Articulação das Entidades Psicanalíticas Brasileiras

**GRUPO DE TRABALHO DO MOVIMENTO ARTICULAÇÃO:**  
**GUSTAVO SOARES, VALÉRIA QUADROS, MÔNICA LEAL,**  
**GUILHERME AMBROS, LORETE MATTOS E BRUNO GREFF**

Criado no ano 2000, tem como causa a não regulamentação da psicanálise no Brasil. Reúne hoje cerca de 31 instituições que representam suas associações ou sociedades, o que lhe confere uma abrangência muito maior, de aproximadamente 120 congregadas. O Articulação não é nem pretende se constituir como uma instituição.

O atual desafio é o bacharelado em Psicanálise, lançado em 2021 pelo Centro Universitário Internacional (Uninter) e autorizado pelo Ministério da Educação (MEC). Acompanhamos, no mês de setembro, a audiência pública junto à Comissão de Saúde da Câmara dos Deputados, em Brasília, momento histórico para a psicanálise no Brasil. Na ocasião, representando a causa do Movimento, psicanalistas expuseram como entendemos a formação psicanalítica preconizada por Freud e a rejeição a que ela seja proposta como uma graduação.

Com o intuito de informar as colegas e os colegas que ainda não conhecem o Movimento, ou o conhecem pouco, trazemos um breve resumo de sua história.

No ano 2000, muitos de nós receberam um e-mail quase imperativo para inscrição, já com anuidade definida, na Sociedade ou Colégio de Psicanalistas do Brasil. Verificamos que nossos nomes constavam numa lista publicada nesse site, assim como os de vários colegas. O “chamado” estava vinculado à Sociedade Psicanalítica

Ortodoxa do Brasil (Spob), um grupo de pessoas estranhas ao nosso campo interno da psicanálise e que oferecia formação psicanalítica. Com duração de duas semanas a três meses, os cursos ocorriam nos finais de semana. Logo surgiu no Senado o primeiro projeto de lei propondo a regulamentação da profissão de psicanalista.

Esse “chamado” ecoou entre as instituições psicanalíticas brasileiras de forma ampla, resultando numa ação de resistência. A partir daí, nascia o embrião do Movimento Articulação, que se erguia para defender a não regulamentação da psicanálise. Pela primeira vez, as instituições brasileiras que se reconheciam – a si e entre si – como psicanalíticas reuniam-se em torno de um objetivo comum, o de defender a psicanálise. A convivência entre colegas com singulares modelos de formação psicanalítica assume considerável significado quando lembramos que eram justamente as divergências quanto a critérios de formação que criavam um profundo abismo de reconhecimento.

Nesse período, articulavam-se outros movimentos pautados por uma nova posição ética. Realizava-se em Paris o encontro inaugural dos Estados Gerais da Psicanálise. Diz René Major (2003), seu idealizador: “O principal motivo [da criação dos Estados Gerais] veio do esquecimento, do recalçamento e mesmo da ignorância intrínseca da política no movimento psicanalítico. A história da psicanálise no Brasil teve um papel desencadeador dessa tomada de consciência”.

Nas palavras de Sonia Alberti (2009), temos a enunciação do Movimento:

[...] um movimento criado em 2000, que visa defender a psicanálise tal como Sigmund Freud a conceituou, diante dos campos de poder – tanto econômico, quanto político – estabelecidos no final do século XX, a fim de garantir um espaço no qual ela possa seguir com seu crescimento e consolidação de acordo com sua ética genuína, sua relação particular com a ciência e sua eficácia que nem sempre se reduz à terapêutica (ALBERTI, 2009, p. 7).

As diferenças observadas nas instituições que o compõem não são necessariamente oposicionais, ou, pelo menos, há uma busca pelo respeito a essa diversidade. São notórias as diferenças de compreensão de cada colega acerca da psicanálise – sua prática, seus pressupostos teóricos e os aspectos da formação analítica –, ainda que o chamado tripé da formação seja um consenso. Enquanto grupo, o Movimento se constitui a cada encontro, realizado em média num intervalo de três meses; é proposta uma pauta e, em caso de decisões, cada instituição tem direito a um voto. Sendo assim, é eminentemente democrático, e a reu-

nião é organizada e presidida por uma instituição/representação em comum acordo.

Reconhecendo a grande diversidade das instituições que participam, precisamos aceitar que o princípio da “não hegemonia” – semelhante a domínio, poder – esteja sempre incluído nessa luta a partir de dentro, ou seja, adotado por todos os componentes do Movimento.

Um aspecto característico do Movimento sempre foi a reação, ou seja, frente a uma ameaça de regulamentação, organizam-se as estratégias. Até 2021, estas vieram na forma de projetos de lei, portanto o cenário era o Senado. Todos os projetos foram derrubados. Desde 2021, a luta se estabeleceu junto ao Ministério da Educação, quando fomos surpreendidos com a autorização de um bacharelado em psicanálise.

Por fim, em complemento a este texto, temos no *Boletim* o texto da colega Camila Camaratta intitulado “O gesto espontâneo e a burocratização do inconsciente: o risco de regulamentar a psicanálise”, com suas inspiradas reflexões sobre o tema.

## Desnortear a psicanálise

### Ananse

**GT ANANSE AÇÕES AFIRMATIVAS DO CEPDEPA/SERRA – BÁRBARA ROCHA, RAFAELA DEGANI (COORDENADORAS), CAMILA MENONCIN, CAMILA TERRA DA ROSA, CINTIA BRZEZINSKI, DENISE CASARA, FERNANDO BASSO, IGNÁCIO PAIM, LUCIANA NUNES DE NUNES E VIVIANE PICKERING**

Desde os anos 1920, a psicanálise trilhou no Brasil um caminho duplo e paradoxal. Por um lado, serviu como instrumento de controle, apropriada por uma psiquiatria higienista e por projetos modernizadores que ignoravam a herança colonial. Nessa via, reforçou a lógica da colonialidade, classificando as culturas africanas e indígenas como empecilhos ao progresso e perpetuando hierarquias racistas. Por outro lado, emergiu como um saber subversivo. Intelectuais e artistas modernistas viram nela uma ferramenta para criticar a influência europeia

e valorizar as singularidades brasileiras, transformando o “primitivo” em gesto de resistência. Sua história é, assim, marcada pela tensão entre funcionar como um aparato de opressão e como um dispositivo de emancipação cultural.

Ler autores negros e indígenas nos seminários de psicanálise é uma travessia para revelar essas contradições. É um ato de *retomada* – como escreve Geni Núñez (2022), para quem a retomada indígena é também um direito à enunciação. Trata-se, para a autora, de um “reflorestamento das feridas”: a luta ou resistência não é apenas pela redução de danos, mas, na inspiração de Mestre Bispo, pela afirmação de outros modos de vida, contra as monoculturas do pensamento (da terra, da sexualidade, da fé, dos afetos).

Com o conceito de amefricanidade, Lélia Gonzalez (2020) aponta para uma potência que

emerge da experiência transatlântica, forjando vivências e subjetividades singulares no novo território. Um gesto decolonial de leitura, portanto, não nega a influência europeia na psicanálise – reconhecendo que também somos o que nos colonizou –, mas busca transformar nossa relação com esse legado.

A leitura sobre o trauma colonial que nos habita é um passo crucial para dissipar seus efeitos e libertar-nos de suas amarras mais violentas, abrindo-se também para novas formas de transmitir a psicanálise. A metapsicologia psicanalítica, confrontada com a alienação colonial, não pretende curá-la, e sim elaborá-la e ressignificá-la. Trata-se de possibilitar a criação de espaços para a hibridez, como propõe Thamy Ayouch (2019): vamos em busca de uma transmissão que tolere a contradição e a ambiguidade na coexistência com o diferente,

que recuse definições rígidas e hierárquicas de mestres e colegas, que deixe de lado a performance individualista de desempenho e que se posicione em favor do plural e do coletivo das turmas.

## Referências

- AYOUC, T. (2019). *Psicanálise e hibridez: gênero, colonialidade e subjetivações*. Calligraphie.
- GONZALEZ, L. (2020). A categoria político-cultural de amefricanidade. In: F. Rios & M. Lima (org.). *Lélia Gonzalez, por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos* (pp. 127-138). Zahar.
- NÚÑEZ, G. (2022). *Nhande Ayvu é da cor da terra: perspectivas indígenas guarani sobre etnogenocídio, raça, etnia e branquitude* [Tese de doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina]. Repositório Institucional da UFSC.



## Ousar ir além das identificações

**SANDER MACHADO**

*Disclaimer:* este pequeno texto é um tanto nietzschiano, no sentido preciso e restrito de que o seu endereçamento é *para todos e para ninguém*. Dito isso, vamos lá...

Em público, todo psicanalista dirá que não se deve ter uma relação religiosa com os “chefes de escola”. Devemos, ao contrário, manter o frescor de nosso pensamento crítico e estar sempre abertos a novas ideias. Nunca ouvi alguém dizer o contrário disso. Por outro lado, aquilo que se pode notar quando os psicanalistas tentam debater é, regularmente, o exato oposto.

Vamos ao questionamento central: do que precisamos para poder fazer releituras críticas da obra de Freud em nossa instituição? (Não apenas de Freud, mas também de outros autores, evidentemente. Vamos situar aqui a obra freudiana como um primeiro passo na direção de nosso pensamento crítico.)

Quero dizer, como podemos localizar os pontos nos quais Freud é datado e fazer avançar o nosso discurso psicanalítico na contemporaneidade? Para citar dois exemplos rápidos, seria preciso rever a sua teorização da feminilidade e as bases epistêmicas de ordem “metabiológica” e empirista do seu discurso.

Por óbvio, mapear o que é datado e pode ser, portanto, superado de modo algum significa jogar o conjunto de sua obra na lata do lixo. Freud segue sendo o autor que mais estudei no tempo em que participo da psicanálise. Inclusive, o espírito freudiano foi sempre o de avançar em suas pesquisas e pensar no futuro. Havia uma recusa, desse modo, em deter-se na nostalgia da tradição e dos fundamentos.

Enfim, nos parece que é preciso discutir para além da imagem que supomos nos dar consistência quando, na frente do espelho, nos vemos como freudianos, lacanianos, etc. No meio psicanalítico, por mais irônico que seja, discutimos mais pessoas e posicionamentos pessoais do que ideias. Respondemos não pela via da argumentação, mas desde nossas filiações e identificações.

Notem que nossa instituição, curiosamente, se vende para o mundo tanto como pluralista quanto como freudiana. Nesse sentido, precisamos de mais honestidade intelectual. Ou então, quem sabe, precisemos assumir que pluralismo se deve ler como “panelinhas identificatórias”, ou ainda que o que vale mesmo é o “Freud puro”, atemporal, em que tudo “já está”, à moda das Escrituras. Inclusive, tudo já está lá no *Projeto*, texto que sequer é psicanalítico (do ponto de vista adivinhem de quem? De Freud).

Talvez seja preciso, para criticar Freud, criticar primeiro Lacan, quase como um pedido de desculpas antecipado. Pode-se dizer, nessa direção, que a teoria sobre a transexualidade de Lacan é ultrapassada e patriarcal. A expressão “função paterna” e algumas outras também são questionáveis nesse sentido. Sua proposta de formalização da psicanálise claramente fracassou. O mesmo ocorreu com o dispositivo do passe. Além disso, certos matemáticos apontam que algumas das proposições topológicas de Lacan não são tão consistentes quanto o autor pretendia. E, talvez o pior, por ter enfatizado certo rigor teórico em detrimento da padronização da técnica promovida pela escola inglesa, o lacanismo recaiu numa espécie de silêncio sobre aquilo que se faz no consultório.

Os iniciantes sofrem alguns penosos anos com seus supervisores de frases enigmáticas que, não raro, sequer foram de fato ditas por Lacan.

Dito isso, poderemos questionar o que

é datado em Freud? Conseguiremos ousar ir além da lógica do Grenal, isto é, da camiseta que supomos vestir? Ou Freud será para sempre intocável por ser o *pai da psicanálise*?

## O silêncio dos *Homens ao sol*: literatura, guerra e psicanálise

**FLÁVIA BERNARDI**

*Solo le pido a Dios  
Que la guerra no me sea indiferente  
Es un monstruo grande y pisa fuerte  
Toda la pobre inocencia de la gente*  
("Sólo le pido a Dios", León Gieco, 1978)

No dia em que concluí a leitura de *Homens ao sol*, de Ghassan Kanafani, soube logo depois, pelas notícias, que bebês e crianças em estado de desnutrição grave poderiam morrer caso não fosse liberada a entrada de ajuda em Gaza. Na sequência, vi o apelo de uma senhora palestina que carregava o sobrinho no colo, em fuga dos ataques israelenses, também em Gaza: ela implorava ao mundo por ajuda para parar o holocausto palestino: "Nos matar teria sido menos cruel! Não queremos sua comida! Não somos animais! Onde está o mundo? Queremos que a guerra pare... Estamos exaustos!", dizia ela aos soluços.

Eu, sensibilizada com a leitura que me consumira – sobretudo nas páginas finais do livro –, também chorei. Há momentos em que a única saída parece ser chorar, porque os horrores e o genocídio provocam uma dor tão avassaladora que fica difícil articular palavras. É triste, apavorante, revoltante. A guerra (que naquele momento completava 591 dias)<sup>1</sup> se desdobra em tantas camadas de horror que se torna quase impossível acompanhar, elaborar, metabolizar.

Ghassan Kanafani foi escritor, ativista político e pioneiro da literatura de resistência pa-



lestina. Ele foi assassinado em 1972 pelo Mossad, o serviço secreto de Israel. Em *Homens ao sol*, narra a história de três homens que acreditavam que emigrar era a única chance de serem reconhecidos, de serem "alguém ao sol". Sua escrita vai além da denúncia: ilumina confusões ainda tão presentes – muitas vezes intensificadas por discursos religiosos – como a associação entre o Israel bíblico e o Estado moderno de Israel. A literatura, nesse sentido, é uma via de conhecimento, porque nos convida a distinguir hebreus, judeus, sionistas, árabes... A leitura de Kanafani também parece contribuir para dar à Palestina um lugar no mundo – ainda que seja apenas no mundo de quem lê.

Se, como psicanalistas, acreditamos na força da palavra, talvez possamos acreditar que isso já salva algo. Ainda hoje, a voz dos governantes – infelizmente, os que seguem mandando – insiste em não reconhecer a Palestina.

<sup>1</sup> Cálculo feito desde que o Hamas realizou um ataque surpresa ao sul de Israel, em 7 de outubro de 2023.

Falam em “os árabes”, como se toda aquela população fosse uma massa indistinta. A potência literária talvez esteja em oferecer visibilidade às nomeações adequadas, em revelar outros (e verdadeiros) lados das histórias estrangeiras, ajudando a desconstruir generalizações injustas. A literatura, afinal, é transformadora.

Adorno escreveu, certa vez, que depois de Auschwitz seria impossível escrever poesia. Mas não foi. Passado o momento do choro – inevitável! –, não só a poesia como também a literatura, a música, o cinema, a psicanálise seguiram sendo possíveis, apesar desse e de tantos outros “circos de horrores”. Como lembra Nietzsche: “a arte existe para que a realidade não nos destrua”.

Hoje seguimos contando os dias da guerra em Gaza, ainda que já não haja como calcular o custo humano, político e moral desse conflito entre Israel e Hamas. Milhares de mortos, inúmeros reféns, sofrimento incalculável e ruínas. Que ali há um genocídio, parece evidente. Mas por que os países não se unem para dar um basta? O Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU) – órgão com poder de determinar intervenções militares, enviar forças de paz e adotar sanções econômicas – permanece paralisado.<sup>2</sup> É inconcebível que não consigam ser unânimes em hastear a bandeira da paz.

Lembrei, então, da carta que Albert Einstein enviou a Sigmund Freud em 1932, perguntando-lhe se haveria uma forma de livrar a humanidade da guerra, já que mesmo com o progresso da ciência todas as tentativas de solução haviam fracassado. Perguntava ele: “É possível controlar a evolução da mente do homem, de modo a torná-lo à prova das psicoses do ódio e da destrutividade?”<sup>3</sup>. Em sua resposta, Freud advertiu: “A violência podia ser derrotada pela união, e o poder daqueles que se uniam representa, agora, a lei, em contrapo-

sição à violência do indivíduo só. Vemos, assim, que a lei é a força de uma comunidade. Todavia, ela é ainda violência, pronta a se voltar contra qualquer indivíduo que se lhe oponha”.

Dissuadir o homem da violência que nele habita não é tarefa simples: faltam palavras para dar conta do que pulsa no psiquismo. Como dizia minha avó: o furo é muito mais embaixo. E a promessa de que “o sol nasceu para todos”, de forma igualitária, está longe de ser verdade. Tanto que, ao final de *Homens ao sol*, os três personagens morrem asfixiados dentro de um caminhão, em silêncio, sob o calor escaldante do deserto. As últimas linhas ecoam, em forma de grito, uma pergunta dirigida a todos nós: “Por que eles não gritaram?”.

Essa pergunta gritou em mim, a exemplo da senhora com a criança no colo, como um lamento coletivo. Por quê? Talvez não tenham gritado porque sabiam que ninguém os escutaria; ou pelo medo da represália, da morte. Para eles, o mundo já estava surdo havia muito tempo. Mas, no fim, a morte veio de qualquer forma. O caminhão do livro transformou-se hoje numa Gaza sitiada – onde o silêncio da morte segue sendo a língua dos palestinos, sufocados, privados de ar, comida, espaço, escuta e humanidade.

Kanafani nos sacode com sua literatura real: berra através de seus personagens e nos arranca do conforto da indiferença. Ao morrerem calados, os três homens denunciam o barulho ensurdecido de um mundo que escolheu não ouvir. É impossível sair ileso da leitura de *Homens ao sol*: escutar aquele silêncio impede qualquer um de fingir que não ouviu.



KANAFANI, Ghassan. **Homens ao sol**. Rio de Janeiro: Tabla, 2023.

2 Estados Unidos, Reino Unido, França, Rússia (antiga União Soviética) e China são membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU. Além deles, há 10 membros rotativos, eleitos pela Assembleia Geral para mandatos de dois anos. Atualmente: Argélia, Benim, Brasil, Gabão, Filipinas, República da Coreia, Serra Leoa, Eslovênia, Suíça e Malta. Quando algum dos cinco permanentes vota uma medida, ela é automaticamente barrada.

3 Em 1932, a Liga das Nações pediu a Einstein que explorasse caminhos para a paz. Ele, por sua vez, convidou Freud. As cartas foram publicadas em 1933, em francês, inglês e alemão.

Talvez minha avó soubesse, mesmo sem saber, que o que nos move é justamente esse furo – a falta que dói, mas que também abre espaço para o desejo, o sonho, a invenção. A psicanálise não oferece respostas prontas – ainda bem! –, mas nos convida a sustentar perguntas, a não recuar diante do mal-estar, a escutar o que insiste, mesmo quando não se diz claramente. Como psicanalistas, como leitores, como seres humanos: não podemos

deixar que o horror se normalize. Que sigamos perguntando, duvidando, sofrendo com o sofrimento do outro. Porque, no fim, é nessa escolha – a de não se anestesiarmos – que talvez ainda resista alguma forma de esperança.

Se a literatura e a psicanálise têm algum poder – e eu acredito que tenham –, é este: o de romper os silêncios. O de escrever e dizer um grito. Um grito que ecoe até que o sol, enfim, possa nascer para todos.

## Dentro e fora de Auschwitz: piromania

**PAULO FERNANDO MONTEIRO FERRAZ**

Salivava de prazer ao me contar o quanto se detinha na incineração de documentos impressos, fotos antigas, objetos pessoais em desuso e quinquilharias. Riscava fósforos, manuseava isqueiros, lidava com querosene, álcool e outros materiais inflamáveis. O fascínio de ver as formas se transfigurarem pelo fogo brotara na infância. Na brincadeira de bombeiro, poupava vidas e relegava outras tantas à danação. Nessa trama em que era o diretor e o protagonista, revezava-se entre o herói e o vilão. O masoquismo, o sadismo e a escopofilia convergiam nesse cerimonial íntimo de acompanhar a agonia dos personagens que comburiam em sacrifício. Para se salvarem da tragédia, os bonecos se precipitavam de galhos de árvores e de tijolos empilhados que simulavam prédios, mas acabavam devorados pelas famintas labaredas e se transformavam em pastas multicolores, semelhantes a *marshmallows* tostados. Adorava as espirais de fumaça, a coreografia das brasas, as crepitações e o enegrecer de uma arquitetura que se eclipsava no gramado de casa.

Aos poucos, esses episódios desconexos foram adquirindo liames inesperados. As associações acendiam memórias subterrâneas e dispersas. Em uma das sessões, resgatou a genealogia judaica. Falou das diásporas, dos ancestrais que foram vítimas do Holocausto, da xenofobia endêmica, da guerra entre Israel e Palestina, dos terrores que grassam à revelia, da Sheol – o “lugar de espera” em que a legião de almas, independentemente dos crimes ou das virtudes, poderiam se

reunir e encontrar a paz – e dos preconceitos que se regeneram como as cabeças da Hidra de Lerna, derrotada por Hércules, na mitologia.

Depois de inúmeras *blitzkriegs*, o que se dissolvia na fuligem das resistências veio à consciência: herdeiro de uma dor alienante, ele descobriu, a partir de conversas entre os familiares, que o tataravô talvez tivesse sido incinerado em Auschwitz. Os superlativos enredos dos romances familiares aludem aos conteúdos psíquicos *homeless* (desabrigados, sem continente) que estão prestes a assumir novas dramaturgias no campo analítico. A verdade histórica e a realidade psíquica convergem no *setting*. Incrédulo, começa a entender o porquê de sua ligação passional ao fogo, elemento ambíguo que aniquila e purifica. Em sua alma, convergiam as angústias e as culpas de uma catástrofe coletiva que jamais se apagará. Devia um tributo aos que se foram? Os crematórios nazistas e toda a mecânica de terror atiçavam as suas fantasias desde a escola. O desejo paricida se disfarçava nessa força que o impelia a ser algoz ao invés de mártir? Enrodilhado pelas fagulhas de uma história que contava a si próprio para se anestesiarmos, iniciou o luto transgeracional. Em meio às dores fantasmáticas que vagam insepultas à procura de intérpretes, o trauma que lhe fora inoculado pela telescopia agora tinha voz e um destino a ser traçado: o dele, livre de uma herança que o punha em desacordo com a humanidade. Agora, teria a chance de ressignificar e de escolher entre estar dentro ou fora de sua metáfora privada de Auschwitz.

## ameaça fantasma

**JULIANO LACERDA**

os membros provisórios não estão se analisando,  
 os membros provisórios estão se nomeando psicanalistas apressadamente,  
 os membros provisórios estão coordenando mesas de eventos científicos,  
 os membros provisórios não estão estudando,  
 os membros provisórios não frequentam eventos em que se fala que eles não se analisam,  
 os membros provisórios estão engajados em comissões de diferentes departamentos,  
 os membros provisórios falam,  
 os membros provisórios escrevem cartas,  
 os membros provisórios denunciam incongruências,  
 os membros provisórios nem votam,  
 os membros provisórios querem estudar coisas que não se estudava antes,  
 os membros provisórios estão apontando coisas-de-debaixo-do-tapete,  
 os membros provisórios estão apresentando trabalhos,  
 eu é que não vou em evento dos membros provisórios,  
 os membros provisórios estão apresentando trabalhos muito bons,  
 os membros provisórios  
 estão  
 provisórios  
 os membros provisórios não estão se analisando,  
 os membros provisórios estão se nomeando psicanalistas apressadamente,  
 os membros provisórios não estão estudando,  
 os membros provisórios não estão se analisando,  
 os membros provisórios não estão se analisando

## Ética e abstinência psicanalítica no caldeirão cultural contemporâneo

**CAMILA CAMARATTA**

A clínica psicanalítica contemporânea é constantemente posta em contato com questões coletivas que se expressam na vida psíquica: nas queixas, nos sofrimentos e nos modos de narrar a própria experiência. Surge então a interrogação: como sustentar a ética e a abstinência em meio a esse caldeirão cultural?

Desde Freud, ética não significa neutralidade ou indiferença. Em *Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise* (1912), ele orienta que o analista seja “como um espelho”, mas também mantenha “receptividade uniforme a tudo o que o paciente comunica”. Win-

nicott, por sua vez, ao afirmar que “não existe bebê sem mãe”, lembra que o sujeito nasce em um campo relacional: o analista não é absolutamente neutro, mas é responsável pela posição que ocupa. Se a ética define a posição do analista diante da escuta, a abstinência marca o modo como ele lida com seus próprios desejos no campo da transferência.

A regra de abstinência em *Observações sobre o amor transferencial* (1915) não exige o silêncio sobre a realidade, mas a recusa em usar a análise para gratificar desejos próprios. Hoje, isso inclui não se deixar capturar pela tentação de convencer, educar, doutrinar ou corresponder à expectativa de reconhecimento imediato.

Quando o analista abandona essa posição, corre o risco de converter a clínica em militância, perdendo de vista a singularidade do sujeito.

Nesse ponto, vale distinguir o narcisismo cultural – descrito por Roudinesco em *O eu soberano* (2022) como culto ao eu e demanda de validação constante – do narcisismo do analista, que pode transformar a clínica em palco para a erudição ou a pressa em nomear. Ética e abstinência podem sustentar o vazio, o silêncio e o tempo necessário ao inconsciente.

Para concluir, manter a ética e a abstinência na escuta psicanalítica, em tempos de caldeirão cultural, significa reconhecer que o

sujeito é influenciado por forças históricas e sociais, mas que não se reduz a elas. A tarefa do analista é a de sustentar essa borda em que cultura e inconsciente se encontram, mas não se confundem.

Em um momento em que marcadores sociais ganham tanta visibilidade, cabe ao analista preservar o espaço analítico como lugar singular, sem recusar o coletivo, mas também sem diluir o sujeito nele. É essa delicada dança entre o social e o inconsciente que mantém a psicanálise viva e fiel à sua ética: a de escutar aquilo que, em cada um, resiste à captura.

## O que esperar de uma supervisão?

**MARGARIDA VIÑAS<sup>1</sup>**

A questão da supervisão me ocupa após a Jornada dos Membros Provisórios, na qual foi abordada. Esse é um tema recorrente nas conversas entre os membros da formação desde sempre. No entanto, apesar de ser um dos eixos do tripé, o lugar, a especificidade e a função da supervisão psicanalítica ganham pouco destaque entre os trabalhos apresentados pelos psicanalistas.

A supervisão na transmissão do fazer psicanalítico é uma prática constante desde os primórdios da psicanálise, quando Freud corrigia e orientava os primeiros psicanalistas, dentro ou fora das análises deles. O dispositivo passou a ser prática obrigatória na formação dos psicanalistas do Instituto de Berlim, em 1920, e depois foi adotado pela Associação Psicanalítica Internacional (IPA, na sigla em inglês) como requisito oficial da formação.

Pergunta-se: o que se espera de uma supervisão? A resposta é bem mais complicada do que parece. Emília Broide (2020, p. 91) nos lembra de que a supervisão, “no lugar de encontrar a verdade que finalmente responderia à pergunta do que fazer em um caso, coloca em primeiro plano o não saber”. Primeiro porque, ao convocar o supervisor para tratar de um determinado

caso, o supervisionando evidencia que há uma falta-a-ser ali que o inquieta ou intriga. Contudo, ao dirigir seu não-saber a um outro – o supervisor –, o que vai encontrar não é um saber a mais que, acumulado, vai fazer dele um melhor analista. Não há um acúmulo de conhecimento a ser transmitido ali, como nos seminários de formação ou outros espaços de estudo teórico. É, sobretudo, uma ética o que se transmite na supervisão (Broide, 2020).

Se o supervisor fosse ensinar o supervisionando a proceder de tal ou qual maneira em uma determinada situação ou frente a um ou outro tipo de neurose, faria do analista um boneco repetidor incapaz de desenvolver seu estilo próprio de fazer psicanálise. Além disso, tornaria o supervisionando incapaz de escutar verdadeiramente seus analisandos, já que ele contaria com fórmulas estabelecidas de antemão. Há que haver uma certa estranheza por parte do analista a cada nova sessão de análise, marcando seu encontro com o inesperado. Nesse sentido, Lacan (1978) chega a questionar se a transmissão da psicanálise verdadeiramente existe, já que a cada novo caso é necessário reinventá-la. Assim, não há fórmula mágica do fazer psicanalítico, justamente porque, se há um postulado aqui, é o da singularidade de cada escuta.

Por um lado, assim, há a necessidade de perceber-se no lugar de um não-saber; por

<sup>1</sup> Psicanalista, membro efetivo do CEPdePA.

outro lado, Lacan definia o inconsciente como um “saber que não se sabe”. Dessa forma, há um saber que não se sabe transmitido para o analista, que, através do seu inconsciente (também um saber que não se sabe), busca captar a enunciação por trás de seu enunciado para devolvê-la ao analisando por meio de sua intervenção. Evidentemente, o trabalho de supervisão só pode se montar em cima do dizer do supervisionando, já que o analisando cujo caso se supervisiona só está ali através desse relato.

O inconsciente de todos os lados desta triangulação entra em cena: analisando, supervisionando e supervisor. Mas o discurso que é matéria de trabalho é apenas do supervisionando, já que o vértice do triângulo sobre o qual se fala está presente apenas através da fala dele. Para marcar a prevalência do discurso como material de trabalho, Lacan (1956, p. 474) não cessava de repetir aos seus alunos: “Abstenham-se de compreender!”. Se há um trabalho a ser feito, aqui, é permitir que o supervisionando solte a fala sobre o seu caso. Desse modo, só pode haver supervisão quando a relação estabelecida entre supervisionan-

do e supervisor é de confiança e respeito. Caso contrário, são as defesas do analista que operam, e o trabalho fica prejudicado.

É convocando o supervisionando a deparar-se com aquilo que ele não sabe, ou não sabe que sabe, que a supervisão opera. Compartilhar com o Outro outrificado no supervisor o que do inconsciente se transmite, quando tudo corre como deveria, torna menos solitária a tarefa de ocupar um lugar que o impalpável arrebatava a todo momento.

## Referências

- Broide, E. (2020). A supervisão como interrogante ético e político da práxis do analista. **A supervisão psicanalítica: ofício e transmissão**. Org. Duvidovich, E.; Goldenberg, R et Broide, E.
- Lacan, J (1956). Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- Lacan, J. (1967). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- Lacan, J. (1978). 9e Congrès de l'École Freudienne de Paris sobre « La transmission ». **Lettres de l'École**, 1979, n° 25, vol. II, pp. 219-220.

# O evento Marcas da Formação não é útil

**SUELI SOUZA DOS SANTOS**

O título deste escrito parafraseia o título de um livro de Krenak: *A vida não é útil*. Nesse texto, o autor propõe uma reflexão sobre a necessidade e a essencialidade da vida tomada como um bem. Ele critica a exploração da vida no sentido utilitário, como mercadoria, o que produz o esgotamento de seus recursos naturais e da humanidade que pensamos ser. Que relações associativas posso fazer entre o evento Marcas da Formação e a ideia de negação de um sentido utilitário desse evento?

O Marcas foi criado em 2017, na época em que Christiane Paixão estava na Diretoria Científica. Sua sensibilidade perscrutou a demanda de colegas dos primeiros anos da formação no CEP. Havia, por parte dos membros provisórios, o desejo por um espaço para o

compartilhamento de seus trabalhos – um espaço de discussão e exposição de produções textuais voltado exclusivamente para aqueles que, nos primeiros anos, quisessem expor suas inquietações teóricas e suas práticas clínicas.

Entre as tantas incertezas e desconstruções que a formação costuma gerar, tanto em cada um quanto nos grupos, uma aposta entra em cena na dinâmica institucional. Ao longo desse percurso de apropriação de fala, de escrita e de saber – e em meio a múltiplas ofertas de correntes teóricas –, na experiência sonhada por essa diretoria e pelos colegas que abraçaram essa modalidade de trocas, os grupos iniciais teriam prioritariamente o lugar de fala de forma horizontal. Assim, os colegas em formação tiveram a coragem de *compartilhar seu sonho de instituição*.

Volto a Krenak, que lembra uma revelação de Sidarta Ribeiro em seus estudos sobre os sonhos dos povos primitivos. Sidarta acredita que as pinturas rupestres revelavam as observações desses povos sobre a diferença entre a experiência desperta e o mundo dos sonhos. Os registros, os desenhos, trazem para a vigília histórias desse outro mundo, como se representassem não apenas cenas do cotidiano, mas sonhos.

Na reflexão trazida à discussão por Krenak (2020, p. 34), o autor afirma: “O tipo de sonho a que me refiro é uma instituição. Uma instituição que admite sonhadores. Onde as pessoas aprendem diferentes linguagens, se apropriam de recursos para dar conta de si e do seu entorno”. Penso que o Marcos da Formação tem essa função. Os sonhos de qualquer sonhador, ou de alguém em uma comunidade, precisam que outra pessoa os escute para que novos sentidos sejam revelados pelo sonhador e recontados pela comunidade. Assim, coletivamente, passado e presente se articulam para apontar futuros possíveis. Traçam rumos, rotas e trilhas que nos ajudam a compreender o destino que construímos no cotidiano da convivência – ou a transformar os caminhos da comunidade.

A partir da demanda dos próprios colegas dos primeiros anos de formação, abriu-se um espaço de trocas teóricas, de compartilhamento de práticas clínicas e de discussões sobre inquietações que vão além da formalidade institucional dos quatro primeiros anos. Arrisco-me a dizer que Christiane (seria um xamã?) escutou seu sonho e um sonho coletivo. Tal sonho se espalhou para visitar infinitas e permanentes inquietudes sobre a ética da psicanálise e sobre a formação que temos e que pensamos ter, e ainda sobre os sonhos que queremos ter. Criou-se um ritual anual em que os recém-

chegados, chamados muitas vezes de “jovens”, mostram algo aos colegas de larga experiência nesse ofício, os responsáveis pela condução do cotidiano da formação e a quem poderíamos chamar de “conselho dos anciãos”. Nesse ritual, é possível aos anciãos vislumbrar o que estão fazendo ou não nos rituais de passagem do legado freudiano.

Como metáfora, menciono o fundador da psicanálise enquanto o primeiro e verdadeiro “xamã” da psicanálise – aquele que nos revelou os mitos de origem da vida psíquica e nos iniciou nos rituais de conexão com os *xapiri* (gente-espírito), isto é, com o inconsciente. Freud nos mostrou as tramas do inconsciente em estados de transe entre o pré-consciente e o consciente, bem como suas trocas de intensidade, que tanto nos orientam quanto nos desorientam na formação do que pensamos ser. O inconsciente é um ser estranho e íntimo que habita cada sujeito que pronuncia, imaginariamente, “eu sou”. Ele está na constituição de todos nós, infundavelmente, como uno e coletivo. É um “eu” que não pode se nomear como a coisa em si, mas que exerce uma função. Qual função? A de analisar.

O Marcos da Formação é um de nossos rituais de iniciação em psicanálise, reunindo toda a comunidade em uma roda de transmissão e passagem de saberes. Ele abre passagem na transição de ciclos que devem produzir, como nos sonhos, ensinamentos para todas as trocas das experiências sonhadas por cada um, produzindo seus efeitos em todos e garantindo o futuro e a sobrevivência da comunidade.

## Referência

KRENAK, A. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

# “A mulher não existe” dá lugar ao feminino?

**ANNA CAROLINA CAPRA**

A temática da feminilidade ocupa lugar fundamental nos impulsos que movem psicanalistas desde os primórdios da psicanálise – assim foi com Freud e também com Lacan. Em Freud, as históricas do século XIX e do início do XX evidenciaram a ausência de um saber capaz de dar conta de seus sintomas, o que levou à descoberta do inconsciente. Com Lacan, entre as décadas de 1960 e 1970, foram as feministas que participaram da retomada do feminino. Para além disso, a psicanálise e o feminismo configuraram-se como instâncias antagônicas, devido ao teor questionável de determinadas publicações psicanalíticas sobre a sexualidade feminina. Em contrapartida, também se aproximaram, em razão do número significativo não apenas de pacientes mulheres, mas também de mulheres analistas. O debate entre as duas instâncias persiste como um fomentador de teorizações sobre a cultura até hoje.

A abordagem psicanalítica da feminilidade evidencia o esforço da modernidade em recalcar e reprimir o feminino, bem como a experiência sensível em nome do masculino e, por consequência, da razão. Para desenvolver essa discussão, escolho um fragmento que fez parte dessa história: o debate das feministas com a teoria de Lacan, em meados dos anos 1970. Já naquela época, o ensino lacaniano era permeado por aforismos, por seu dialeto particular e por conceitos complexos que não permitiam ser totalmente compreendidos. Lacan, no Seminário 20 – *Mais, ainda* –, lembra o quanto suas proposições têm por costume produzir mal-entendidos. A postulação “a mulher não existe” é um desses aforismos. Ao contrário do que se poderia supor de forma literal, essa frase não implica que a mulher é não-toda em termos de reconhecimento, tampouco se apresenta como uma justificativa para fundamentar a inferioridade do lado feminino, como tantas vezes foi afirmado historicamente.

O conceito de Lacan busca elucidar que

não há um universal ou um modelo que represente o lado feminino. Ou seja, a mulher não possui um traço identificatório fixo que possa orientá-la sobre como ser mulher ou sobre o que é ser mulher. Não existe um significante que forneça suporte ao ser feminino; é necessário que as mulheres sejam pensadas uma a uma. Logo, antes de deliberar uma colocação secundária da mulher nessa concepção teórica, é importante observar que Lacan segue o rastro freudiano, a partir do qual o corpo e seus fenômenos, fora das margens da anatomia e da fisiologia, passam a ser abordados pela perspectiva do inconsciente. Em linhas gerais, esse aforismo evidencia que o universal está, na verdade, em pedaços. Nesse sentido, a pretensão de universalidade leva à uniformização da existência, e as mulheres permanecem repetidamente nesse lugar de adaptação aos padrões sociais.

A temática da síntese de Lacan diz respeito ao que representam os corpos das mulheres, a fim de não excluir a dimensão social na composição da subjetividade, da identidade e da sexualidade. É por esses motivos que a proposição lacaniana segue atual, de forma a propor um enigma que está inscrito no espelhamento em relação à cultura. O conceito “a mulher não existe” abre espaço para o feminino e marca articulações com o feminismo, ao mesmo tempo que revigora o entendimento lacaniano da diferença sexual, a qual, a partir desse entendimento, se esquia das prescrições heteronormativas e da própria binaridade de gênero.

## Referências

- Lacan, J. (1985). *O Seminário 20: mais, ainda* (2a ed., M. D. Magno, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Original publicado em 1972).
- Lago, M. C. de S. (2010). *A psicanálise nas ondas dos feminismos*. In: *Diversidades: dimensões de gênero e sexualidade*. Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres.
- Soler, C. (2005). *O que Lacan dizia das mulheres* (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Original publicado em 2003).

## Os filhos da casa nova?

**MARIANA OLIVEIRA DE AZEVEDO**

Sabe-se que, há cerca de um ano, o CEP-dePA mudou-se para a casa – própria – da Ramiro. Assim, não é incomum escutarmos em espaços coletivos a respeito da “casa da Tobias” ou “antiga casa”. Contudo, cabe marcar que a casa nova tem seus filhos (turmas A e B), candidatos a analistas que, mesmo circulando pelo espaço de outrora – em grupos de estudos, ciclos e, possivelmente, inícios de análise –, não o ocuparam como espaço de formação propriamente dita.

A instituição escolhida é um pilar fundamental, praticamente reconhecida como um sobrenome: ela elucida nossa origem e, talvez, outorgue um utópico título de analista – jamais completamente formado. Principalmente no primeiro ano, há que se deixar cativar pelo percurso, que revela os movimentos mais primitivos da gênese de um ser – engatinhar, equilibrar-se, cair, levantar, aprender a andar. Nesse mesmo sentido, os recém-chegados a uma formação vivenciam de forma voraz o contato íntimo com a psicanálise. Logo, como transformar uma casa (psicanalítica) em lar?

Essa casa diversa, contemporânea e cercada por cores trouxe consigo seus filhos. A

imersão em um percurso como esse evidencia a necessidade de sustentar o caro – caríssimo! – desejo de seguir apostando na psicanálise. Portanto, para haver uma construção sólida, é necessário que também haja uma base firme. Além das vicissitudes particulares de cada um, há a constituição de cada turma enquanto unidade. Pensar em como o coletivo reverbera na singularidade do psicanalista é inevitável, pois “a coletividade e a individualidade complementam-se na sincronia da formação, porque o lugar que ocupa o psicanalista não está dado; precisa ser construído no encontro com outros, iguais na busca e na construção, mas diferentes no entendimento e na postura” (SOUTO, 2010).

Talvez a transformação de uma casa em lar se dê justamente a partir da convivência com o espaço e com os colegas, transformando o trivial em fragmentos de intimidade. Ocupando esse lar. Vivendo. Juntos.

### Referências

SOUTO, Viviane de Freitas. Introdução. In: SOUTO, Viviane de Freitas (org.). Formação psicanalítica: fatos e versões. Porto Alegre: Letra&Vida, 2010, p. 7-10.

## Notas sobre a formação de psicanalistas: transmissão e transferência

**ANA PAULA RODRIGUES**

Por qual via acontece a transmissão psicanalítica? Como viabilizar um caminho no qual aqueles que se propõem a assumir e sustentar o fazer psicanalítico acompanhem aquele que se propõe a transmitir o seu (suposto) saber? O que se transmite é o saber, a verdade ou a ética? A teoria ou a técnica? O fazer, o saber fazer ou a escuta?

Sem transferência, não há trabalho – seja na clínica, seja nos seminários teóricos de uma formação psicanalítica. A transferência de tra-

balho precisa ser instalada e tensionada para que alguma transmissão seja possível.

No caldeirão efervescente dos seminários, borbulham angústias, desejos, identificações e sintomas. Afinal, psicanalistas e candidatos a psicanalistas são sujeitos do inconsciente, e não seres superiores assépticos – isso estaria mais para a *belle indifférence* histórica. Nesse caldeirão, a única bruxa bem-vinda é a da metapsicologia. A bruxa da sedução, por seus feit(i)ços, é pura cena. O saber do inconsciente está por detrás da cena.

O trabalho – o ofício do psicanalista – acontece fora do palco, onde aquele que se apresenta está deitado com os olhos voltados para si mesmo, e não à procura daqueles que o fitam. Afinal, como nos lembra Coutinho Jorge (2017, p. 171) em referência a Lacan: “é na posição deitada que se fala de amor”.

O desejo de ser psicanalista e de sustentar essa ética começa e não sai nunca do divã. Ele ressoa, reverbera e faz trabalhar nos espaços destinados à formação, seja em seminários ou em supervisões. Um seminário teórico não é

sala de análise, tampouco supervisão. Seminário é trabalho árduo. Sustentar um seminário é tarefa de todos – coordenador, auxiliar de ensino e colegas em formação. Sustentar, aqui, significa sustentar o desejo do psicanalista: desejo de escutar.

## Referência

JORGE, M. A. C. Fundamentos da psicanálise de Freud a Lac

# Ideais-ideias e o espírito do pensamento freudiano

**JULIANO LACERDA**

É algo comum que, em muitos pontos da obra freudiana, as pessoas interpretem os textos como queiram (ou até onde seu Eu permite). Por vezes, inegáveis ideias conservadoras e discriminatórias de textos freudianos se tornam rochas pesadas e difíceis de serem transpostas em discussões teóricas. Em muitos casos, isso denota certo receio de contrariar ou perceber furos no “mestre” e de contestar o próprio saber construído até então. Outra possibilidade é que os próprios psicanalistas – os que existem em corpos e lugares de poder específicos – tenham receio de reconhecer e repensar posições de privilégio.

Isso também se reflete num uso político nefasto da obra, algo que, ao longo dos anos, se desdobrou e legitimou muitos abusos de poder e violências “em nome da psicanálise”. Acontece que, quando selecionamos essas ideias de Freud e as defendemos em nome de sua obra – que, por sinal, é muito extensa –, podemos estar falando mais de nós mesmos do que do sujeito que semeou e alicerçou a psicanálise.

Freud foi um carinha genial e rebelde em diversos momentos. Contestava e rebatia as ideias de praticamente todos os seus mestres com propriedade! Já como neurologista, apontava furos nas teorias dominantes de Wernicke, Lichtheim, entre outros; questionava o localizacionismo e a primazia do córtex como sede da vida anímica. Depois, buscando esclarecimentos sobre os fenômenos da histeria, passa pelos ensinamentos de Charcot e Breuer – dois médicos de grande nome e com ideias relevantes à época –, absorve-os e expele de si o que deles não faz sentido com seus achados e suas construções de pensamento. Somente depois de anos e de todos esses debates e embates de ideias – e, por que não, de ideais –, o caminho para a construção da psicanálise esteve um pouco mais livre.

Parece que a crítica e o tensionamento de ideias dominantes fazem parte do espírito do pensamento freudiano. Talvez esse seja um traço mais interessante e digno de identificação.

# O gesto espontâneo e a burocratização do inconsciente: o risco de regulamentar a psicanálise

**CAMILA CAMARATTA<sup>2</sup>**

A psicanálise nasceu como uma prática de escuta, um ofício de transmissão – e não como uma profissão de Estado. Freud jamais desejou que ela fosse reconhecida por leis ou conselhos; ao contrário, defendia que o analista se formasse pela experiência viva da análise pessoal e pela ética do encontro. Ao longo do tempo, esse espírito de liberdade garantiu à psicanálise sua força crítica e criadora. Mas volta e meia ressurge, no Brasil, o projeto de sua regulamentação, uma tentativa de enquadrar o inconsciente nas formas burocráticas da vida moderna.

À primeira vista, a proposta parece inofensiva. Regulamentar, dizem, seria proteger o público, garantir a qualidade, evitar charlatanismos. No entanto, o que se apresenta como cuidado pode esconder um gesto de controle. Ao tentar enquadrar a psicanálise em normas de eficiência e produtividade, o Estado transforma um campo ético em um campo técnico. Como se sabe, onde há técnica, há também métricas, indicadores, prazos – e, com eles, a lógica da eficácia. Tudo aquilo que a experiência analítica, por essência, subverte.

A clínica psicanalítica não se mede por resultados. O tempo da análise é o tempo do sujeito, e não o das planilhas. Winnicott, um dos grandes herdeiros de Freud, dizia que a verdadeira experiência humana só floresce quando existe liberdade. Ele falava do brincar, mas poderíamos dizer o mesmo da análise: ela só acontece onde há confiança, não vigilância. “A liberdade, se for real, inclui o risco de que algo dê errado”, escreveu. Regulamentar a psicanálise é, portanto, eliminar o risco – e, com ele, a própria liberdade.

Mas o risco é inerente à experiência analítica: sempre haverá o erro, no sentido da falta. Acreditar que se pode eliminá-lo é uma ilusão

burocrática. Em contextos totalitários, esse ideal de controle atinge seu ápice: tudo o que escapa à medida ou à obediência é interdito. A psicanálise, que vive do imprevisto e da palavra que escapa – do lapso, do duplo sentido, daquilo que revela o inconsciente –, deixa então de acontecer. Não por falta de analistas, mas por ausência de liberdade. Onde o risco é proibido, o inconsciente se cala.

Em nome da proteção, a regulamentação acabaria instaurando um regime de vigilância. O analista passaria a responder não à ética do seu ato e à sua própria análise, mas a uma autoridade externa. Seria fiscalizado, avaliado e potencialmente punido por não seguir protocolos. Esse controle burocrático produz o que Winnicott chamou de “falso *self*”: uma adaptação obediente às expectativas do ambiente, que sufoca o gesto espontâneo e a autenticidade do encontro. O analista, que deveria sustentar o espaço potencial em que algo novo pode nascer, seria reduzido a um funcionário da saúde mental.

A psicanálise não é uma técnica de cura, mas uma prática ética que tem na sua técnica uma forma de escuta, e não um método de aplicação. Como nos lembra Násio, “não é o analista que cura, mas o próprio analisando que, ao se escutar e se compreender, encontra o alívio do seu sofrimento”. A psicanálise não promete ajustar ninguém ao mundo, mas oferecer um lugar onde cada um possa descobrir o seu modo singular de estar nele.

No cerne dessa discussão, está o que nenhuma lei pode regulamentar: a experiência da análise pessoal. É nela que se funda a ética do ofício, porque só aquele que passou pela experiência de uma análise conhece o peso e a delicadeza de sustentar a palavra do outro. A formação teórica e as supervisões podem ser quantificadas, auditadas, institucionalizadas, mas o percurso analítico pertence à ordem do indizível. Ele não se comprova por certificados, mas pela transformação subjetiva que autoriza

<sup>2</sup> Psicanalista, membro pleno do Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre (CEPdePA).

o analista a ocupar o lugar que ocupa. Ao pretender legislar sobre isso, o Estado confunde formação com treinamento e reduz uma experiência ética a um currículo técnico. A psicanálise, ao contrário, se transmite no encontro de dois inconscientes em presença – nesse campo silencioso em que se aprende a escutar o inconsciente, e não a domesticá-lo.

Numa época em que tudo tende a ser mensurado – do humor às emoções, das relações aos sonhos –, defender a não regulamentação da psicanálise é um ato político e ético. É recusar a lógica de que só o que pode ser avaliado tem valor. É sustentar que há dimensões do humano que escapam a qualquer medição.

Winnicott dizia que o brincar é a base da cultura, porque é ali que o sujeito se arrisca a criar. Se o brincar vira protocolo, perde-se o sentido do gesto. E, quando a psicanálise vira norma, perde-se o lugar da escuta.

Por isso, penso que o Movimento Articulação contra a regulamentação da psicanálise não é uma defesa corporativa, mas uma defesa da liberdade simbólica que nos constitui. É lutar para que a psicanálise permaneça sendo o que sempre foi: um espaço no qual o sujeito possa existir fora da lógica da performance e do controle. Em tempos de vigilância generalizada, preservar esse espaço é, talvez, um dos últimos gestos civilizatórios.



# biblioteca

## Novidades nas Bibliotecas 2025/2

### CEPdePA

ABRÃO, Jorge Luís Ferreira. **Virgínia Bicudo**: a trajetória de uma psicanalista brasileira. 2. ed. São Paulo: Zagodoni, 2025. 192 p.

CAROPRESO, Fátima; CROMBERG, Renata Udler. **Mulheres pioneiras da psicanálise**: uma antologia. São Paulo: Autêntica, 2025. 312 p.

CROMBERG, Renata Udler (org.); MUNDT, Renata Dias (trad.). **Sabina Spielrein**: uma pioneira da psicanálise. São Paulo: Blucher, 2025. (Obras Completas, 3). 616 p.

OLIVEIRA, Felipe José Côrrea de (org.) *et al.* **Ou-  
tras leituras dos escritos de Jaques Lacan**.  
Novo Hamburgo: Discurso, 2025. 244 p.

PAIM FILHO, Ignácio (org.) *et al.* **O antirracismo escrevendo histórias no movimento psicanalítico**. São Paulo: Blucher, 2025. 288 p.

RIVERA, Tania. **O avesso do imaginário**: arte contemporânea e psicanálise. São Paulo: Cosac Naify, 2014. 432 p.

### CEPSerra

OHNMACHT, Tiasmin. **Uma chance de continuarmos assim**. Porto Alegre: Diadorim, 2023. 128 p.

LAUFER, Laurie. **Rumo a uma psicanálise emancipada**. Porto Alegre: Criação Humana, 2025. 200 p.

PAPPENHEIM, Bertha. Do teatro particular ao público. São Paulo: Blucher, 2023. 171 p.



### Atendimento da Biblioteca do CEPdePA:

Segundas, terças e sextas - 10h às 16h  
Quartas e quintas - 14h às 20h

#### CONTATO:

Fone: (51) 3222-3900 - Ramal: 21  
E-mail: [biblioteca@cepdepa.com.br](mailto:biblioteca@cepdepa.com.br)

#### ACESSE:

Catálogo: <https://cepdepa.phlnet.com.br>  
Revistas do CEPdePA: <http://cepdepa.com.br/revistas/>

